

O baptismo das crianças: novas leituras de uma realidade de sempre¹

JOÃO PEDRO BRITO

Faculdade de Teologia (UCP) – Porto

A teologia contemporânea assiste, nos nossos dias, a uma procura de novas formas de expressão que possam mostrar com mais transparência as verdades da fé cristã para o homem de hoje. Neste esforço não se trata de ignorar o passado recente, nem renunciar à ‘memoria Aeterni’, mas de trabalhar os temas tidos como clássicos, revestindo-os de elementos novos e mais dinâmicos, que possam devolver-lhes a riqueza original, e ajudar a manifestar novas virtualidades que neles possam estar contidos.

Em todo este movimento de renovação da teologia, e particularmente no que se refere à teologia sacramental, dois factores têm desempenhado um papel fundamental: uma maior atenção à Sagrada Escritura, como elemento estruturante de todo o trabalho teológico, uma vez que «o estudo destes sagrados livros deve ser como que a alma da sagrada teologia» (DV 24), e a integração de elementos oferecidos pelas ciências humanas, respeitando sempre o carácter específico de cada uma das ciências nesta interdisciplinaridade, como podemos perceber nestas palavras de Bruno Forte: «Um pensamento teológico ou filosófico ‘indiferente’ às ciências humanas arrisca a tornar-se um sistema fechado, uma ideologia da totalidade, onde, presumindo possuir a chave da ciência, se perde também o sentido puro da Trans-

¹ Breve apresentação da ‘Dissertatio ad Doctoratum’ de João Pedro Brito, defendida em 18/03/2004, na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.

«cendência, que se mostra na história²». Tanto um factor como outro estiveram presentes em toda a redacção desta tese, oferecendo-lhe originalidade, e estruturando os seus momentos fundamentais, como se passa a apresentar.

Um caminho muito singular

A natureza desta dissertação surge como uma tentativa de apresentação do sacramento do baptismo, enquanto conferido às crianças, como uma expressão singular do acolhimento da vida, presente nas diversas culturas, e da radical abertura da humanidade ao 'Reino de Deus' que é oferecido a todos em Jesus Cristo, bem como uma expressão da continuação dos gestos proféticos de Jesus nos gestos sacramentais da Igreja.

Vários elementos concorreram para esta apresentação. Numa primeira parte, procedeu-se a uma análise fenomenológica do nascimento, na sua densidade biológica, bem como na sua riqueza cultural e religiosa, e a centralidade que ocupam em todas as religiões as acções rituais que acompanham o acolhimento da vida no seio de uma comunidade, principalmente com os banhos rituais e a imposição do nome. Procurou-se também uma interpretação dos ritos do nascimento pelas ciências humanas, com o contributo da história das religiões (M. Eliade³) e da antropologia religiosa (M. Meslin⁴), e mostrar a sua relação próxima com o baptismo cristão. Num momento seguinte teve-se em conta vários contributos recentes da psicologia da infância⁵, que revelam a necessidade de uma nova compreensão dos fetos e dos neonatos, nos primeiros momentos de vida, e permitem falar de um 'novo olhar sobre a criança'. Nos últimos tempos, esta foi ganhando um novo estatuto: «tornou-se sujeito, e não mais objecto, do próprio desenvolvimento, enquanto é ela que traz a este desenvolvimento o contributo fundamental: a organização das capacidades para as quais está geneticamente predisposta⁶». Já não é considerada como uma 'tábua rasa', mas como um organismo que quando nasce dispõe de uma organização endógena e de um repertório comportamental autónomo, que é necessário ter em conta. Tudo isto levou alguns autores a falar de uma 'sabedoria da crian-

² B. Forte, «Teologia e psicologia: resistenza, indifferenza, resa o integrazione?», in *Antropologia interdisciplinare e formazione*, ed.F. Imoda, EDB, Bologna, 1997, 80.

³ Cf. M. Eliade, *La nascita mistica. Riti e simboli d'iniziazione*, Morcelliana, Brescia, 1974; *La nostalgia delle origini*, Morcelliana, Brescia, 1972; *Le sacré et le profane*, Gallimard, Paris, 1975; *Storia delle credenze e delle idee religiose*, Sansoni, Firenze, 1980.

⁴ Cf. M. Meslin, *Pour une science des religions*, Éditions du Seuil, Paris, 1973; *L'expérience humaine du divin. Fondements d'une anthropologie religieuse*, Éditions du Cerf, Paris, 1988.

⁵ Cf. L. Camaioni, *La prima infanzia*, Società Editrice il Mulino, Bologna, 1996; M. D'Alessio, *Il neonato, aspetti psicologici dello sviluppo*, Carocci, Roma, 2001; J. Bowlby, *Attaccamento e perdita. L'attaccamento alla madre*, Boringhieri, Torino, 1972; E. Sá, *Psicologia do feto e do bebé*, Fim de Século, Lisboa, 2001.

⁶ L. Camaioni, *La prima infanzia*, 17. Cf. A. Bucher, «I bambini come soggetti», *Concilium* 2 (1996) 78: «As provas mais convincentes do facto de as crianças serem sujeitos são dadas pelas investigações mais recentes sobre a primeira infância. Uma coisa se poderá dizer em boa razão: quem vê nas crianças antes de mais objectos, ou recipientes vazios que só podem ser cheios pelos adultos, quem os considera somente para serem educados, tem contra si toda a investigação recente sobre a criança».

ça', que se reflecte na forma como os adultos se devem aproximar da criança, como de um mistério que os ultrapassa e os interroga sobre o que é ser homem, e os convida a colocar-se respeitosamente diante dela. «O bebé é sábio porque induz uma relação de mistério e é este mistério que nos transforma⁷». Finalmente, esta primeira parte termina procurando mostrar como se pode fazer a inserção da teologia sacramental no âmbito do humano e do existencial, bem como a inclusão do dado antropológico na reflexão teológica, dando desta forma um novo horizonte de compreensão a estes novos dados oferecidos pelas ciências humanas, seja com o método 'antropológico-transcendental' e a 'teologia da infância', de K. Rahner⁸, ou com a reflexão sobre o 'pensar sacramental' e os 'sacramentos da vida', de L. Boff⁹.

Numa segunda parte, trata-se do baptismo das crianças à luz dos gestos proféticos de Jesus: parte-se de um estudo sobre a criança, tal como era vista no tempo de Jesus¹⁰; faz-se uma apresentação da compreensão a ter das acções proféticas do Antigo Testamento, com a ajuda de G. von Rad¹¹ e S. Amsler¹², e dos gestos proféticos de Jesus, com H. Schürmann¹³ e J. L. Espinel¹⁴, autores que oferecem dados exegéticos que são incluídos numa nova compreensão dos sacramentos, como prolongamento destas acções simbólicas de Jesus. Em virtude do recente contributo da exegese sobre os 'ôti dos profetas e de Jesus, procurou-se extrair destes trabalhos tudo o que pudesse ajudar a teologia sistemática a entender e a apresentar a instituição dos sacramentos por Jesus, não exclusivamente por meio de palavras, mas a partir das suas acções proféticas, soteriológicas e escatológicas¹⁵. Como aplicação desta intuição, foram estudados, neste contexto, alguns textos que falam do encontro de Jesus com as crianças, e que foram considerados importantes para esta nova aproximação ao baptismo das crianças, representando desta forma uma proposta concreta de como aplicar este princípio à teologia sacramental.

Um outro aspecto considerado em todo este trabalho foi a dimensão 'ecuménica' do baptismo, com a análise da obra de três teólogos que marcaram a reflexão re-

⁷ E. Sá, *Psicologia do feto e do bebé*, 12.

⁸ Cf. K. Rahner, «Ideas para una teología de la niñez», in *Escritos de teología*, VII, Taurus Ediciones, Madrid, 1969, 339-356.

⁹ Cf. L. Boff, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*, Vozes, Petrópolis, 1984; «O pensar sacramental: sua estrutura e articulação (I)», in *Revista Eclesiástica Brasileira* 35 (1975) 515-541; «O pensar sacramental: sua fundamentação e legitimidade (II)», in *Revista Eclesiástica Brasileira* 36 (1976) 365-402.

¹⁰ Cf. S. Légasse, *Jésus et l'enfant*, Gabalda, Paris, 1969; J. Dupont, *Les Béatitudes*, t. II, Gabalda, Paris, 1969; A. Oepke, «paifj», in *Grande lessico del Nuovo Testamento*, vol. IX, Paideia, Brescia, 1974, 232; F. Foresti, «Il bimbo Gesù e i bambini», *Communio* 80 (1985); J. Gibley, «L'enfant dans le monde du Nouveau Testament», *La foi et le temps* 5 (1979); R. Voeltzel, *L'enfant et son éducation dans la Bible*, Beauchesne, Paris, 1973.

¹¹ Cf. G. von Rad, *Teologia dell'Antico Testamento*, v. II, Paideia, Brescia, 1974.

¹² Cf. S. Amsler, *Les actes des prophètes*, Labor et Fides, Genève, 1985.

¹³ Cf. H. Schürmann, *Comment Jésus a-t-il vécu sa mort?*, Cerf, Paris, 1977; *Il vangelo di Luca*, I, Paideia, Brescia, 1983; «Die Symbolhandlungen Jesu als eschatologische Erfüllungszeichen. Eine Rückfrage nach dem irdischen Jesus», in *Das Geheimnis Jesu*, St. Benno-Verlag, Leipzig, 1972.

¹⁴ Cf. J. L. Espinel, *La cena del Señor, acción profética*, PPC, Madrid, 1976; *Cristología de la cena del Señor. La eucaristía, revelación bíblica de Cristo*, Salamanca, 1975; *La poesía de Jesús*, San Esteban, Salamanca, 1986; «Mesianismo escatológico de Jesús desde sus acciones proféticas», *Salmanticensis* 23 (1976) 99-127.

¹⁵ Cf. P. B. Guimarães, *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos. Um contributo ao conceito dogmático de sacramento à luz da exegese contemporânea*, Gregoriana, Roma, 1998.

cente no campo católico, protestante e ortodoxo, e a recolha nestes autores de elementos que pudessem ajudar a uma nova compreensão do baptismo das crianças, nas suas diversas dimensões, tal como é feito na parte conclusiva desta dissertação.

Método e estrutura

Quanto ao método e à estrutura da tese, a metodologia usada, bem como a sua estruturação ao longo do trabalho, foram determinadas pelos diferentes tipos de exposição utilizados.

A primeira parte, de carácter mais indutivo e interdisciplinar, recolheu e analisou os diversos dados fornecidos pelas ciências humanas, partindo destes para a afirmação de uma presença constante dos rituais associados ao nascimento nas diversas culturas, como expressão de uma abertura transcendental do humano e do acolhimento numa comunidade concreta, bem como procurou analisar as inúmeras ‘novidades’ oferecidas pela psicologia da infância, que permite falar da afirmação de um novo estatuto da criança. Incluiu-se também aqui a apresentação de K. Rahner e de L. Boff, exemplos de uma ‘viragem antropológica’ da teologia, que enriqueceram esta parte com uma visão antropológica transcendental do homem e a proposta de um ‘evangelho da infância’, e com a afirmação do pensar sacramental como a linguagem em que o homem é capaz de perceber a inter penetração do divino com o humano, que encontra nos sacramentos a sua mais válida expressão.

A segunda parte, em que se seguiu um método expositivo-dedutivo, consistiu na apresentação das conclusões fornecidas pela exegese contemporânea relativas a alguns temas que afectam particularmente esta tese. Começou por apresentar um estudo sobre a compreensão que se tinha da criança no ambiente greco-romano e palestinense, no período de transição entre os dois testamentos, que permite mostrar a originalidade inesperada da atitude de Jesus para com a infância, em nítido contraste com a mentalidade do seu tempo¹⁶. Num segundo momento são tratadas as acções proféticas do Antigo Testamento, e na sequência destas são analisadas as acções de Jesus que apresentam características semelhantes, embora superando-as consideravelmente¹⁷. É oferecida uma ampla visão de conjunto de toda esta proble-

¹⁶ Cf. J. Schlosser, *Le Règne de Dieu dans les dits de Jésus*, 484: “O acolhimento reservado por Jesus às crianças não mereceria a pena de reter a nossa atenção se se tratasse de um comportamento corrente do meio judaico da época. Nada sugere que fosse assim. Da mesma maneira, o gesto teria um alcance limitado se fosse a expressão da psicologia humana de Jesus, da sua ternura pelas crianças. Influenciado pela sua própria sensibilidade no que respeita às crianças, o leitor moderno pode efectivamente ser tentado a reter-se aqui. Mas, negligenciando a distância que separa a civilização moderna e o ponto de vista menos idealizado do homem antigo, e do judeu em particular, arriscamos em passar ao lado do essencial”.

¹⁷ Cf. J. O'Donnell, *Il mistero della Trinità*, Gregoriana, Roma, 1989, 52: “Jesus não só prega a palavra como a encarna em acções salvíficas. Realiza aquele género de acções simbólicas que os profetas tinham feito. (...) A conclusão é que a categoria de profecia está muito adaptada para interpretar a autocompreensão e a missão de Jesus, se bem que, como com todas as categorias do Antigo Testamento, Jesus leva-as à sua plenitude e supera as suas limitações”.

mática, podendo afirmar-se, no final desta parte, que se trata de uma base bíblico-teológica segura para a doutrina sacramental da Igreja, e para uma nova compreensão do pedobaptismo. Em seguida foram analisados alguns textos considerados importantes para se compreender o baptismo das crianças no horizonte de alguns gestos proféticos de Jesus (Mc 9,33-37; Mc 10, 13-16; Mt 21, 14-16), com a correspondente exegese, terminando esta parte com a afirmação de uma continuidade percebida entre estas acções de Jesus para com as crianças e o gesto sacramental da Igreja quando as baptiza.

A terceira parte, também ela expositiva, constou de uma detalhada análise do pensamento de três autores sistemáticos contemporâneos, de sensibilidades teológicas diversas (A. Schmemmann¹⁸, ortodoxo; O. Cullmann¹⁹, protestante; D. Borobio²⁰, católico), sobre o baptismo. Procurou-se aqui evidenciar a riqueza e peculiaridade de cada um destes contributos, numa visão 'ecuménica' deste sacramento, sublinhando as intuições que foram desenvolvidas posteriormente e os aspectos fundamentais a ser considerados numa nova apresentação do baptismo das crianças.

A quarta parte seguiu um método avaliativo-prognóstico, emitindo um juízo sobre os diversos elementos apresentados ao longo de todo o trabalho, e abrindo pistas de discernimento para uma nova compreensão do baptismo das crianças²¹ no horizonte sacramental da Igreja, nas suas principais dimensões (antropológica, soteriológica, eclesiológica, e escatológico-ética), que passo agora a apresentar como principais conclusões a registar, reassumindo tudo o que de mais significativo se foi descobrindo e afirmando ao longo de toda a dissertação.

Principais conclusões

Este trabalho, 'O baptismo das crianças e os gestos proféticos de Jesus', é uma proposta ambiciosa no seu método, procurando inovar quanto a tradição teológica diz sobre o pedobaptismo com a inclusão de vários dados recolhidos das ciências humanas, com a aproximação feita entre os gestos de Jesus e os gestos sacramentais da Igreja, e com a procura de uma compreensão ecuménica do baptismo das crianças.

¹⁸ Cf. A. Schmemmann, *Of Water and the Spirit*, St. Vladimir's Seminary Press, New York, 1974; *Il mondo come sacramento*, Queriniana, Brescia, 1969; *Pour la vie du monde*, Desclée & C.ie, Tournai, 1969; *Introduction to Liturgical Theology*, St. Vladimir's Seminary Press, New York, 1996; *Sacraments and Orthodoxy*, Herder, New York, 1965.

¹⁹ Cf. O. Cullmann, *Le baptême des enfants et la doctrine biblique du baptême*, Delachaux & Niestlé, Genève, 1948; *La foi et le culte de l'Église primitive*, Delachaux & Niestlé, Genève, 1963; *Le salut dans l'histoire*, Delachaux & Niestlé, Neuchâtel, 1966.

²⁰ Cf. D. Borobio, *La iniciación cristiana*, Sígueme, Salamanca, 1996; *Cultura, fe, sacramento*, Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 2002; *Sacramentos y etapas de la vida*, Sígueme, Salamanca, 2000; «Bautismo de niños e iniciación cristiana», *Lumen* 34 (1985) 6-21; «Lo religioso y lo ritual en el nacimiento de los hijos», *Phase* 178 (1990) 309-323; «La iniciación cristiana en perspectiva ecuménica», *Phase* 213 (1996) 197-231.

²¹ Cf. H. U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, Piemme, Casale Monferrato, 1992. G. D. Daneels, «Le problème du baptême des enfants», *Questions liturgiques* 260 (1969) 13-27. D. Grasso, *¿Hay que seguir bautizando a los niños?*, Sígueme, Salamanca, 1973. D. Bonifazi, *Il battesimo come fondamento dell'esistenza cristiana*, Massimo, Milano, 1998.

Embora existisse a consciência das dificuldades e limites que tal apresentação pudesse suscitar, julgo que o trabalho, no seu todo, revela uma unidade interna e uma coerência que devo realçar neste momento. Sem pretender absolutizar a intuição que aqui foi desenvolvida, aceitando outras possibilidades de explicação doutrinária do baptismo das crianças, mais tradicionais ou menos, esta dissertação quis ser um contributo na procura de uma nova compreensão teológica, e consequentemente também pastoral, desta prática secular da Igreja.

Algumas questões devem ser colocadas neste momento, para que se possa recolher com mais nitidez o que se apresenta como elemento novo e original neste trabalho, e que poderá ser ocasião de novas investigações e de novos aprofundamentos. Quais são os principais resultados conseguidos, em toda a investigação feita? Que contributos maiores esta tese poderá oferecer à ciência teológica?

Em primeiro lugar, deve ser destacado o diálogo conseguido entre as ciências humanas e a teologia. Esta interação entre as ciências humanas e a teologia, com a análise e o recurso de novos dados, como a história das religiões, a antropologia religiosa e a psicologia, permitiu aprofundar a inteligibilidade e aumentar a credibilidade do ensinamento cristão subjacente a este tema²². Teve-se em consideração, desde o princípio, que a passagem de um nível de consideração fenomenológico e antropológico a um nível teológico não pode ser feito de forma automática, e que o fascínio da simetria pode fazer reconhecer coincidências reais onde não existem mais que ilusões formais. Apesar destas cautelas, tidas em consideração na primeira parte deste trabalho, um método de investigação realmente ‘compreensivo’ destas várias dimensões ajudou a fazer desenvolver e a articular um discurso sobre os sacramentos que ajude a manifestar o seu alcance de salvação numa forma tridimensional, ou seja, como acontecimento ritual significativo, enquanto dentro da existência do homem, e não contra ou junto a ela, e da sua eficácia como acção salvífica que manifesta o advento do Reino na história da humanidade.

É também de salientar o diálogo que se procurou estabelecer entre a exegese e a teologia, particularmente na segunda parte desta dissertação. Julgamos que este diálogo pode contribuir para a descoberta de muitos elementos teológicos fundamentais que têm passado despercebidos, ou têm sido ignorados. Além disso, mostra-se aqui que, mais do que usar o dado bíblico como elemento apologético ou ‘dicta probantia’ na sua relação com a teologia sacramental, se deve afirmar a escritura como o contexto e o fundamento para a sua verdadeira compreensão, servindo para evidenciar os termos em que a teologia sacramental se deve estruturar e manifestar. A compreensão dos sacramentos à luz dos gestos proféticos de Jesus, como acontece

²² Cf. A. Grillo, «Introduzione a un metodo teologico comprensivo», in *Corso di teologia sacramentaria*, vol. I, eds. A. Grillo, M. Perroni, P. R. Tragan, Queriniana, Brescia, 2000, 23: «A possibilidade de fazer ainda teologia de um modo significativo deriva da capacidade de não fazer somente teologia, ‘pura teologia’, mas de integrar na raiz teologia e antropologia, para assegurar ao ‘logos’ teológico a sua base humana, histórica e mundana».

neste trabalho, não despreza todas as explicações anteriores, mas provoca uma releitura de quanto já foi dito, oferecendo novas perspectivas e estimulando a teologia a descobrir verdades esquecidas, de modo a mostrar o nexos existente entre os gestos de Jesus e os gestos sacramentais da Igreja, numa continuidade que precisa de ser assumida e manifestada de forma coerente na liturgia, na vida da Igreja, e na vida dos cristãos. Uma maior atenção aos gestos significativos realizados por Jesus possibilitam, assim, uma nova abordagem e compreensão dos gestos sacramentais realizados pela Igreja, radicando esta renovação mais nos seus gestos do que nas suas palavras. «No tempo da Igreja, os sacramentos fazem, por assim dizer, a memória das acções simbólicas do mistério do Reino. (...) Mais do que buscar fundamentos bíblicos para a instituição de cada sacramento nas palavras de Jesus, é preferível fundamentá-los nas suas acções e opções, e nas acções e opções da Igreja²³». A vantagem de os conceber assim permite retirar os sacramentos do isolamento em que a manualística os colocou, bem como lhes devolver as virtualidades das suas dimensões cristológica e eclesiológica, deixando, desta forma, de girar em torno de si mesmos, e encontrando de novo Jesus, a profecia e a Igreja como o seu ambiente natural de irrupção²⁴.

O estudo das acções simbólicas realizadas pelos profetas e por Jesus pode ajudar a revitalizar a compreensão dos sacramentos, e no nosso caso particular, o baptismo das crianças, com a introdução de novos elementos e a acentuação de outros elementos que o tempo *foi* esquecendo ou secundarizando. A descoberta do valor teológico das acções proféticas, e particularmente destas mesmas acções realizadas por Jesus, mostram a importância que estas adquirem na revelação que Jesus faz do advento do Reino, não só através das suas palavras, mas também através destes gestos significativos que o realizam, desde já, na vida dos homens. Foi suficientemente sublinhada a sua forte valência sacramental e a forma como devem ser vistas, enquanto preliminares dos gestos sacramentais realizados na vida da Igreja, como herdeiros legítimos destes gestos proféticos de Jesus. As palavras de Jesus ‘fazei isto em memória de mim’ (Lc 22, 19) e ‘dei-vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também’ (Jo 13, 15), e os gestos que acompanharam estas palavras, permanecem como um apelo à comunidade dos seus discípulos, para que seja capaz de continuar a memória dos seus actos proféticos, recriadores de uma nova comunhão entre Deus e o homem e penhor de um futuro novo que se torna presente na celebração de cada sacramento.

O estudo de autores provenientes de diferentes confissões cristãs, numa ‘auscultação ecuménica’, mostrou-se a todos os níveis vantajoso, enriquecendo esta re-

²³ P. B. Guimarães, *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos*, 101.

²⁴ Esta opção tem em conta o grande consenso teológico existente de fundamentar os sacramentos na sacramentalidade de Cristo e da Igreja, vistos respectivamente como sacramento primordial do Pai e sacramento fundamental, como é apresentado por K. Rahner, E. Schillebeeckx e O. Semmelroth.

flexão com acentuações diversificadas e complementares, e fez ver que, uma teologia do baptismo atenta às várias sensibilidades teológicas, está mais apta a dar-se conta das várias dimensões que entram aqui em jogo, sublinhando a sua riqueza plurifacetada, bem como poderá fazer parte do grande esforço ‘ecuménico’ que tem caracterizado todo o período posterior ao concílio Vaticano II.

Finalmente, concluiu-se que a relação entre o baptismo das crianças e os gestos proféticos de Jesus aqui analisados, deve ser aprofundada nas várias dimensões assinaladas, de forma a que sejam respeitadas as virtualidades inerentes a esta mesma relação, e o sacramento possa realizar tudo o que significa para o homem (dimensão antropológica), para Deus (dimensão soteriológica), para a Igreja (dimensão eclesial), e para o advento do Reino (dimensão escatológico-ética).

Desejava terminar esta apresentação oferecendo algumas pistas de discernimento para um baptismo das crianças verdadeiramente evangélico, que respeite as várias dimensões a ser tidas em conta, tal como se foram afirmando ao longo de todo este trabalho.

Dimensão antropológica

O nascimento de uma criança não pode ser visto somente de um ponto de vista fisiológico, mas recebe a sua plena compreensão quando é visto na sua relação com todas as condicionantes que afectam e possibilitam o despertar de todas as capacidades da criança, incluindo também a sua ‘capacidade de Deus’²⁵.

O facto de os pais sentirem uma incapacidade para expressar convenientemente o mistério do nascimento de que foram testemunhas, e necessitarem um horizonte de sentido que ofereça uma verdadeira compreensão do que lhes foi dado presenciar, com a procura de um momento ritual que mostre este movimento de abertura a uma dimensão transcendental da existência, não deve ser um obstáculo intransponível para as motivações requeridas pela comunidade eclesial, mas ser a ocasião para uma evangelização e oportunidade única para uma aproximação que pode conduzir ao baptismo²⁶.

A aproximação entre a experiência antropológica e a celebração dos sacramentos, que devem também ser vistos como ‘sacramentos da vida’, embora não exclusivamente, é algo a ser valorizado positivamente. O facto de os pais expressarem através deste rito a sua necessidade de realização simbólica da condição humana, a sua consagração a Deus de uma nova vida, o seu desejo de protecção e bênção, a sua es-

²⁵ Cf. R. M. De Casabianca, *L'enfant capable de Dieu, Développement psychologique et éveil religieux avant trois ans*, Fayard, Paris, 1988.

²⁶ Cf. B. Seveso, «Il dibattito pastorale: momenti salienti», in *Il battesimo come fondamento dell'esistenza cristiana*, ed. D. Bonifazi, Massimo, Milano, 1998, 58.

perança no futuro, bem como a sua intenção social de partilhar a alegria que está associada ao nascimento de uma criança, não pode ser desvalorizada e tida como um aspecto menor a considerar, mas como o momento de mostrar a justa continuidade existente entre o ‘mistério da vida’ e a ‘vida do mistério’²⁷, que é Deus, e uma forma privilegiada de mostrar como o que é cristão abarca e se estende à totalidade do que é verdadeiramente humano²⁸.

Numa aproximação antropológica ao baptismo das crianças é necessário ter em conta a criança, na sua singularidade, mas também os seus pais, que, assim como colaboraram com Deus na sua geração à vida, e nisso encontram motivo para celebrar, sejam também interpelados, quando vêm pedir à Igreja o baptismo para os seus filhos, a levarem mais longe esta missão, gerando na fé, com a colaboração da ‘Igreja mãe’. Uma geração reclama a outra, e esta condição fundamental dos pais não pode ser subestimada, tanto no plano natural, como na sua compreensão sobrenatural²⁹.

No baptismo das crianças são colocados em evidência dois aspectos fundamentais: a afirmação da absoluta gratuidade do amor de Deus, e a constituição ontológica da pessoa humana, que manifesta uma radical abertura à acção da graça de Deus, como a sua realidade mais íntima.

Mais do que reivindicação, a liberdade deve ser compreendida como um dom que, no baptismo das crianças, é oferecido ao homem, para que a sua vida seja desenvolvida no horizonte que a caracteriza desde sempre: a filiação divina, que recebeu, e para a qual vai sendo progressivamente educado³⁰.

Dimensão soteriológica

O baptismo não é um rito isolado, ou simplesmente individual, mas um acontecimento que continua a história da salvação, um ‘kairós’ que actualiza o amor gratuito e soberano de Deus em relação à pessoa particular, e desencadeia uma história de amor entre Deus e o homem, fazendo-o participar no mistério pascal de Cristo³¹.

²⁷ Cf. L. Boff, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*, 55: «Nestes momentos-chave, experimenta-se a participação de uma força que nos transcende mas que se manifesta em nossa vida. Estes nós existenciais ganham um carácter eminentemente sacramental. Por isso os cercamos de símbolos e ritos. (...) Onde se experimenta radicalmente a vida, aí se experimenta Deus».

²⁸ Cf. J. Ratzinger, *Il fondamento sacramentale della esistenza cristiana*, Queriniana, Brescia, 1971.

²⁹ Cf. G. Angelini, «Introduzione al tema», in *Il battesimo dei bambini, questioni teologiche e strategie pastorali*, ed. G. Angelini, Glossa, Milano, 1999, 19: “O defeito a denunciar não seja só o do sentimento dos pais por relação à verdade objectiva do sacramento, mas também, e antes de mais, a falta de conhecimento eclesialístico a propósito do significado cristão que assume a geração na fé. Tornar explícito tal significado é condição irrenunciável, para que depois possa também ser cristãmente instruído o pedido dos pais de baptizar os filhos”.

³⁰ Cf. D. Grasso, *Hay que seguir bautizando a los niños?*, Sígueme, Salamanca, 1973, 131.

³¹ Cf. B. Testa, «Il battesimo, inizio e fondamento della vita cristiana», in *Il battesimo come fondamento dell'esistenza cristiana*, ed. D. Bonifazi, Massimo, Milano, 1998, 30: “O baptismo actua a historicidade e a solidariedade de Cristo com um vínculo objectivo, uma memória viva, uma representação concreta do acontecimento salvífico histórico e com uma antecipação, um dom prévio totalmente gratuito. (...) O baptismo, transferindo o homem para o mundo divino, só pode ser um dom prévio, uma iniciativa que precede todo o acto humano”.

No baptismo recebe-se uma graça purificadora e justificadora, que procede daquele que venceu o mal, o pecado e a morte, e expressa-se a ajuda solidária da comunidade eclesial, nesta luta contra o mal, com aquele que é baptizado.

É o amor proveniente de Deus que desenha o horizonte dentro do qual se deve olhar o pedobaptismo³². Qualquer explicação que esqueça esta prioridade confunde e dificulta a compreensão que se possa ter deste. A ministerialidade da Igreja e a participação do sujeito são importantes, mas inscrevem-se no interior desta iniciativa proveniente e gratuita de Deus. É Cristo quem ‘inicia’ o homem à apropriação da Sua Páscoa.

Cada baptizado, ainda antes dos seus pais ou da comunidade que o acolhe, é esperado pelo próprio Deus, de modo que o baptismo é, antes de mais, o acto com o qual Deus acolhe no seio da vida trinitária a sua criatura, celebrando a Sua paternidade no Filho e no Espírito. A alegria na festa do baptismo deve ser expressão da consciência de toda a comunidade se sentir envolvida por esta paternal, fraternal e cordial misericórdia de Deus.

O Reino de Deus é um dom de Deus aos pobres, e Jesus acolhe as crianças porque o Pai, num amor puramente gratuito, também as escolheu como destinatárias desta promessa. O ‘abraço’ com que Jesus as envolve, em algum desses encontros, é a expressão visível deste dom do amor que Ele quer comunicar³³.

As crianças são apresentadas como modelo da verdadeira grandeza, atitude que só pode ser reconhecida no interior da comunidade quando esta for capaz de as acolher ‘em nome de Cristo’, servindo os mais pequenos e os mais fracos.

O Reino é para as crianças. Não está ligado à actividade religiosa do homem, mas é puro efeito da graça divina. É uma realidade futura, mas encontra-se já a sua realização no acolhimento que Jesus faz a estes pequenos, como prefiguração da comunidade escatológica. No gesto de acolher as crianças na Igreja pelo baptismo é manifestada a vontade salvífica universal de Deus, bem como a radical igualdade de todos os homens diante deste desígnio, devendo levar ao reconhecimento da dignidade e valor de toda a pessoa, independentemente da sua idade, cultura, ou desenvolvimento psíquico. Inclui-se aqui tudo quanto se possa dizer do lugar do deficiente na vida da Igreja³⁴.

³² Cf. G. Daneels, «Le problème du baptême des enfants», *Questions liturgiques* 260 (1969) 19: “Esta passividade é o motivo que pode justificar o baptismo das crianças: quando Deus incorpora, Deus permanece soberano, comunica a sua vida a quem quer, para além de toda a prestação do homem. O acto humano e o de Deus são, para o baptismo, tão desproporcionais, que o homem não pode, em algum caso, ser a causa da sua própria justificação. Esta é a verdade de todas as formas do baptismo, mesmo do baptismo dos adultos. Mas o baptismo das crianças tem a particularidade de revelar a todos e em tudo, visivelmente e sem equívocos possíveis, esta gratuidade divina. O baptismo das crianças é, desde então, para cada igreja, um teste à sua fé prática na gratuidade soberana pela qual Deus justifica o homem. Toda outra concepção que admitisse uma colaboração causal do homem na justificação revelaria um pelagianismo larvar”.

³³ Cf. R. Maas, «Christ as the Logos of Childhood», *Theology Today* 56 (2000) 463: «Jesus escolhe como seus herdeiros os humildes, os pobres, os marginalizados, as crianças. Quando os seus discípulos impedem o acesso das crianças a Jesus, ele os repreende dizendo: “Deixai vir a mim...” Mc 10, 13-16. Cristo abraça-as e, particularmente a imposição das mãos sobre estes pequenos testemunha a particular intenção a seu respeito. Com este gesto paternal, aqueles que são os últimos na humana ordem do ser tornam-se os primeiros no reino que já está no seu meio».

³⁴ Cf. J. Giblet, «L'enfant dans le monde du Nouveau Testament», *La foi et le temps* 5 (1979) 446: «O que é certo é que é afirmada assim a dignidade de todo o homem, por mais ínfimo e diminuído seja ele. Aqueles que não contam aos olhos do mundo e das suas escalas de valor, contam totalmente no olhar de Deus».

As acções e as opções de Jesus devem ser as acções e as opções da Igreja. O baptismo das crianças deve ser visto como a continuação, na vida da Igreja, das acções de Jesus, para que, no gesto sacramental da Igreja quando as baptiza, possamos encontrar o centro da sua mensagem, do seu ministério e do mistério de Deus que Ele veio tomar presente na nossa história.

Dimensão eclesial

A doutrina sobre a 'fé da Igreja', tal como se mostra no baptismo das crianças, procura revelar o

baptismo como o sacramento que expressa e realiza a fé da própria Igreja, e que a Igreja oferece e adianta como garantia da fé pessoal, suprimindo transitoriamente a fé do sujeito. A Igreja exerce esta função no compromisso e esperança de que, com a sua ajuda, a fé eclesial chegue a ser fé pessoal assumida, e que este acto de fé seja o primeiro passo de um processo de fé, pelo qual aquele que é baptizado chegará à maturidade cristã³⁵.

A fé não é um acto individual, ou simplesmente pessoal, É também um acto eclesial, na medida em que se acredita com os outros, e porque os outros tornam possível o meu acto de fé. Por isso se chama com razão à Igreja 'mãe dos crentes', porque é ela, através de comunidades concretas e da 'Igreja doméstica' a que gera, dá à luz e alimenta na fé. A admissão das crianças ao baptismo não se faz de qualquer forma. A Igreja simplesmente acolhe aqueles que já lhe pertencem, que lhe são apresentados por pais e padrinhos responsáveis, provenientes de famílias cristãs, no interior da comunidade de fé.

Os pais e o ambiente familiar são o melhor e mais eficaz âmbito de educação religiosa e de transmissão de valores. A criança aprende a acreditar da mesma forma que aprende a amar, pelo facto de participar num âmbito de relações e de vida onde se acredita e se ama. O verdadeiro lugar do baptismo das crianças como 'sacramento da fé' é o espaço da fé dos pais, no espaço universal da fé da Igreja.

O acontecimento baptismal é um acontecimento eclesial, em que aparece, como em nenhum outro caso, a acção maternal da Igreja. O baptismo é a acção sacramental que melhor expressa a missão da Igreja: 'fazer cristãos'. A eclesialidade do baptismo manifesta-se na acção maternal da Igreja, que faz nascer pelo banho da re-

³⁵ Cf. J. McKenna, «Infant Baptism: Theological Reflections», *Worship* 70 (1996) 206: «O baptismo orienta-se para uma vida terrena em comunhão com Cristo, logo, dentro da comunidade cristã. 'Eventualmente' esta vida conduzirá depois também a uma vida com Cristo, que completa esta vida presente e dura para sempre. A questão central, porém, não é esta: 'Que sucede se a criança morre?', mas é mais esta: 'Que sucede se a criança vive?' (...) A questão não é a do baptismo das crianças, mas a da infância dos baptizados, se estes serão educados ou 'socializados' sob este perfil religioso. O problema do pedobaptismo é, na realidade, o problema da comunidade adulta que circunda a criança».

geração, na implicação de todos os membros da comunidade nesta acção, e no começo de um cuidado e solicitude que se deve prolongar por toda a vida³⁶.

A Igreja pode baptizar as crianças quando está consciente de se tratar uma ordem dada por Deus. Isto acontece quando as crianças nasceram no seu seio e ela tem possibilidade de as educar na fé. Não pode esquecer que as crianças baptizadas são 'recém-nascidas' abandonadas nos braços da comunidade familiar e paroquial, em caminho para um crescimento que lhes deve ser possibilitado por outros³⁷.

A dimensão comunitária do baptismo reclama uma rede de relações cristãs na comunidade de fé que é a família e a Igreja, de modo a que a história iniciada no baptismo se possa desenvolver em conexão vital e orgânica com a fé da Igreja. É a comunidade cristã a gerar e a alimentar, no seu interior, o caminho dos seus novos filhos. O problema do pedobaptismo é o problema da comunidade adulta que o circunda.

Um filho não nasce só carnalmente dos pais, mas também espiritualmente. A família inteira, como representante mais concreta da Igreja, é o lugar privilegiado do nascimento físico, humano, social, e cristão da criança³⁸. A escolha que um casal cristão faz de pedir à Igreja o baptismo para o seu filho é decorrente da sua própria condição e da vivência da graça conjugal que receberam no sacramento do matrimónio. As questões levantadas à volta do baptismo das crianças não podem prescindir deste contexto cristão, no qual o amor conjugal se realiza, enquanto capacidade de participação e transmissão da própria experiência de fé. O nascimento de uma criança é também referível à vida de graça dos seus pais³⁹.

A opção por uma valorização da 'geração', como factor fundamental no baptismo das crianças, recebe na educação e na transmissão da fé a sua plena compreen-

³⁶ Cf. C. Rocchetta, «La celebrazione ecclesiale del battesimo oggi. Prospettive teologiche», in *Il battesimo come fondamento dell'esistenza cristiana*, ed. D. Bonifazi, Massimo, Milano, 1998, 43: «A configuração da existência cristã que a acção baptismal determina não diz respeito somente aos candidatos ao baptismo, mas a toda a comunidade cristã. Não só porque no baptismo a comunidade acolhe novos membros e se empenha em os abrir à riqueza da fé, mas mais profundamente ela é envolvida naquilo que celebra, a ponto que a acção que realiza lhe diz aquilo que ela é e é chamada a ser, solicitando-lhe a descoberta do seu rosto como comunidade da Páscoa do Senhor e comunidade dos tempos escatológicos da salvação».

³⁷ Cf. C. Rocchetta, «La celebrazione ecclesiale del battesimo oggi. Prospettive teologiche», 55-56: «A pergunta: 'estão bem preparados?', que na grande parte dos casos diz respeito aos pais ou ao ambiente familiar, não é suficiente, nem é a única. É preciso acrescentar: 'somos nós, comunidade cristã, capazes de os acolher e os guiar em direcção à plenitude de Cristo?'. (...) Longe de ser um rito privado ou só familiar, a celebração baptismal interpela toda a comunidade cristã, não episodicamente, mas segundo um dos seus traços constitutivos e permanentes, aquele de ser a comunidade dos tempos últimos da salvação, empenhada em iniciar e acompanhar os baptizados no caminho da fé».

³⁸ Cf. D. Borobio, *La iniciación cristiana*, Sígueme, Salamanca, 1996, 351: «À importância que concede a Igreja a esta função familiar, há que acrescentar a importância que lhe concedem as ciências humanas. A família não é só o lugar da primeira socialização da criança, é também o 'segundo seio materno' (A. Portmann), o lugar do segundo nascimento sócio-cultural (A. König)».

³⁹ Cf. G. Angelini, «Ripresa sintetica», in *Il battesimo dei bambini, questioni teologiche e strategie pastorali*, ed. G. Angelini, Glossa, Milano, 1999, 222. Cf. D. Grasso, *¿Hay que seguir bautizando a los niños?*, 170: «O problema do baptismo das crianças é, antes de mais, um problema de fé. Baptizar uma criança não significa adquirir compromissos em seu lugar, nem a substituir em nada, 'mas compreender a missão dos pais dentro de uma óptica cristã; é receber e situar a criança à luz da fé e colocá-la no ambiente de salvação que é a Igreja. É orientá-la desde o princípio na sua vocação'. A verdadeira liberdade consiste precisamente em actuar esta vocação. Para os pais cristãos, o baptismo é um gérmen divino deitado em seu filho e que eles têm que alimentar e fazer desenvolver. A graça vai sempre à frente: a resposta do homem, independentemente do baptismo, tem sempre que ir atrás. (...) As dificuldades para o baptismo procedem hoje da concepção de matrimónio, da fé dos pais e da existência de comunidades capazes de acolher o baptizado e de expressar a Igreja».

são e os modos próprios de se expressar a continuação desta capacidade gestativa dos pais. O exercício da missão educativa realizada pelos pais cristãos é considerado um verdadeiro e próprio ministério eclesial, fundado no acto gerativo e sustentado pela graça do matrimónio.

A valorização da família como ‘Igreja doméstica’, e a existência de comunidades que apoiem as famílias nesta sua missão de gerar, educar e transmitir a fé, são os elementos fundamentais que poderão suscitar uma nova compreensão eclesial do baptismo das crianças e um novo ‘rosto’ da Igreja, mais ‘maternal’, e como tal, mais ‘baptismal’.

Dimensão escatológico-ética

Os sacramentos devem ser vistos como a irrupção do Reino de Deus na história dos homens, que traz consigo um dinamismo de justiça e de libertação, que precisa de se tomar concreto em comunidades novas onde se possa experimentar e mostrar esta chegada.

A experiência e mundividência escatológica, que podem ser vividas nos sacramentos, são a fonte de um verdadeiro modelo de pensamento e acção cristãos, de uma praxis e de uma ética que respeitem a ‘economia’ do anúncio deste Reino, manifestando a tensão que existe entre uma salvação ‘já presente’, mas ‘ainda não’ realizada plenamente.

Educar os cristãos para uma atenção a esta dimensão profética e escatológica dos sacramentos é oferecer uma ‘inquietação’ que nunca mais abandona, nem deixa espaço para uma atitude ‘quietista’ e ‘conformista’ diante do dom e dos ‘talentos’ recebidos.

A afirmação da validade do baptismo das crianças é uma expressão clara da opção teológica e antropológica que a Igreja faz pelos pequenos, pelos pobres, e pelas crianças. A dignidade absoluta de cada criança empenha todos os cristãos na defesa e na promoção da vida em todas as suas estações, sobretudo diante das ameaças da moderna ‘cultura de morte’.

As crianças são um dom para a Igreja: é o próprio Senhor da Igreja que as coloca no centro, como modelo de um verdadeiro discipulado. O acolhimento das crianças, como resposta das comunidades às palavras e acções de Jesus, é necessariamente provocador de um novo rosto de Igreja, obrigando-a a uma contínua conversão ao evangelho de Jesus e a uma disponibilidade para acolher o Reino de Deus.